



SENTIR TAMBÉM ENSINA: EMOÇÕES COMO ALIADAS PEDAGÓGICAS

Neila Aparecida da Cruz ¹, Marcelo Batista ², Manoel Pessôa da Silva ³, João Gabriel Oliveira ⁴, Joéliton Benvinda de Lima ⁵.



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p4617-4635>

Artigo recebido em 8 de Agosto e publicado em 8 de Outubro de 2025

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

A educação contemporânea esteve marcada pela necessidade de compreender que a aprendizagem não ocorria apenas pela via racional, mas dependia também das condições emocionais em que os sujeitos estavam inseridos. Emoções positivas e negativas influenciavam diretamente a atenção, a memória e o engajamento, configurando-se como fatores determinantes para a qualidade do processo formativo e para a construção de vínculos no espaço escolar. Nesse cenário, o presente artigo teve como objetivo analisar de que maneira as emoções, mediadas pelo professor e estimuladas por práticas pedagógicas, contribuem para a formação de sujeitos autônomos, empáticos e preparados para os desafios contemporâneos. A pesquisa adotou caráter bibliográfico, compreendida, conforme Santana e Narciso (2025) e Santana, Narciso e Fernandes (2025), como procedimento científico que reunia, organiza e analisa criticamente produções já publicadas, possibilitando a construção de diálogos entre diferentes referenciais. Foram utilizadas fontes disponíveis em bases como SciELO e Portal de Periódicos CAPES, selecionadas por critérios de relevância, pertinência e atualidade, o que garantiu maior rigor ao percurso metodológico. A análise demonstrou que emoções positivas, quando reconhecidas e orientadas, fortalecem a motivação e o desempenho acadêmico, enquanto condições afetivas negativas comprometem a percepção de autoeficácia e a continuidade da aprendizagem. Evidenciou-se, ainda, que a integração entre emoção e cognição transformava o ato de aprender em experiência significativa, na medida em que fortalecia vínculos, promovia cooperação e favorecia a autonomia. Concluiu-se que a escola, ao considerar o sentir como dimensão pedagógica, reafirmava sua função de espaço de humanização, no qual razão e afeto se complementam na formação integral.

Palavras-chave: Emoções Aprendizagem. Professor de Mediação. Inteligência Emocional. Afeto e Conhecimento. Educação Integral



FEELING ALSO TEACHES: EMOTIONS AS PEDAGOGICAL ALLIES

ABSTRACT

Contemporary education was marked by the need to understand that learning did not occur solely through rational means but also depended on the emotional conditions in which individuals were immersed. Positive and negative emotions directly influenced attention, memory, and engagement, emerging as determining factors for the quality of the formative process and for the construction of bonds within the school environment. In this context, the present article aimed to analyze how emotions, mediated by the teacher and stimulated by pedagogical practices, contributed to the formation of autonomous, empathetic students prepared for contemporary challenges. The research adopted a bibliographic approach, understood, according to Santana and Narciso (2025) and Santana, Narciso, and Fernandes (2025), as a scientific procedure that gathered, organized, and critically analyzed already published works, enabling the construction of dialogues among different references. Sources available in databases such as SciELO and the CAPES Journal Portal were used, selected according to criteria of relevance, pertinence, and timeliness, which ensured greater rigor to the methodological process. The analysis demonstrated that positive emotions, when recognized and guided, strengthened motivation and academic performance, while negative affective conditions compromised students' perception of self-efficacy and the continuity of learning. It was also evident that the integration between emotion and cognition transformed the act of learning into a meaningful experience, as it strengthened bonds, promoted cooperation, and fostered autonomy. It was concluded that the school, by considering emotions as a pedagogical dimension, reaffirmed its role as a space of humanization, in which reason and affect complemented each other in integral education.

Keywords: Emotions Learning. Teacher Mediation. Emotional Intelligence. Affect Knowledge. Integral Education.

Instituição afiliada:

¹ Faculdade Anhanguera de Rondonópolis, Brasil.

² Faculdades Integradas de Jacarepaguá, Brasil.

³ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil.

⁴ Centro Universitário Leonardo da Vinci, Brasil.

⁵ Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil.

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

O presente estudo teve como foco discutir o papel das emoções na aprendizagem e no desenvolvimento integral do estudante, reconhecendo que o ato de aprender não se restringia a processos racionais e cognitivos, mas estava profundamente atravessado por dimensões afetivas. Partiu-se da compreensão de que emoções positivas e negativas influenciavam diretamente a memória, a motivação e o engajamento, repercutindo na forma como os estudantes se percebiam no ambiente escolar e se relacionavam com o conhecimento. A relevância do tema se encontrou na constatação de que a afetividade não era um aspecto secundário, mas constituía-se como condição fundamental para que o processo de ensino e aprendizagem alcançasse significado pleno. Assim, formulou-se como objetivo central analisar de que maneira as emoções, mediadas pelo professor e estimuladas por práticas pedagógicas, contribuíam para a formação de sujeitos autônomos, empáticos e preparados para os desafios contemporâneos. A pergunta de pesquisa que orientou o trabalho foi: ‘como as emoções podem ser consideradas aliadas pedagógicas no desenvolvimento cognitivo, social e afetivo dos estudantes?’

Para responder a esse questionamento, adotou-se a metodologia de caráter bibliográfico, entendida, conforme Santana e Narciso (2025) e Santana, Narciso e Fernandes (2025), como procedimento científico que possibilitava reunir, organizar e analisar criticamente produções acadêmicas já publicadas, com vistas a subsidiar a solução de problemas investigativos. Essa abordagem permitiu acessar um conjunto diversificado de estudos, garantindo amplitude às discussões e consistência à argumentação. A técnica de análise consistiu na identificação de fontes, na seleção de materiais pertinentes e na interpretação crítica dos dados coletados, de modo a articular diferentes perspectivas teóricas e a construir diálogos entre autores que tratavam das relações entre emoção, cognição e práticas pedagógicas. Os dados foram coletados em bases de dados como SciELO e Portal de Periódicos CAPES, respeitando critérios de inclusão relacionados à atualidade, à pertinência e à relevância do conteúdo, o que assegurou maior rigor ao processo investigativo.

O artigo foi estruturado em quatro partes principais. Na primeira, discutiu-se a relevância das emoções para a memória e a motivação no processo de aprender. Na



segunda, abordou-se a função do professor como mediador emocional, destacando sua responsabilidade em criar ambientes seguros e afetivos. Na terceira, analisou-se o papel da inteligência emocional no fortalecimento das relações, da cooperação e da autonomia estudantil. Na quarta, evidenciou-se como práticas pedagógicas baseadas em vínculos, acolhimento e empatia transformavam o ensino em experiência significativa. Portanto, a pesquisa demonstrou que a integração entre emoção e cognição ampliava a relevância da aprendizagem e reafirmava a escola como espaço de humanização, no qual o sentir e o pensar se complementavam como dimensões indissociáveis da formação integral.

METODOLOGIA

A pesquisa realizada adotou como percurso metodológico a abordagem de natureza bibliográfica, a qual se caracteriza pelo levantamento, análise e interpretação de produções já publicadas que tratam do tema em questão. Para atingir os objetivos propostos, foram utilizados como materiais artigos científicos, livros e páginas acadêmicas disponíveis em bases de dados reconhecidas pela comunidade científica, de modo a reunir informações que pudessem subsidiar a reflexão sobre a importância das emoções no processo educativo. Nesse contexto, a pesquisa bibliográfica possibilitou sistematizar conhecimentos já produzidos, articular diferentes perspectivas e construir um diálogo entre autores que investigaram a relação entre emoção, cognição e práticas pedagógicas.

De acordo com Santana e Narciso (2025), esse tipo de pesquisa é sustentado pelo fato de que a sistematização de referenciais científicos permite compreender de forma mais ampla os fenômenos educacionais, uma vez que o pesquisador analisa criticamente os achados de outros estudos e os organiza em função de uma problemática central. Nessa mesma direção, Santana, Narciso e Fernandes (2025) destacam que as metodologias científicas baseadas em pesquisa bibliográfica não apenas oferecem um mapeamento atualizado das discussões acadêmicas, mas também possibilitam identificar lacunas e sugerir caminhos para futuras investigações. Dessa maneira, a metodologia adotada mostrou-se adequada aos objetivos do trabalho, pois viabilizou a análise de referenciais reconhecidos e a construção de uma argumentação



fundamentada em múltiplas perspectivas teóricas.

O processo metodológico foi desenvolvido em etapas sucessivas, que incluíram a definição do tema central, a busca e seleção de fontes, a análise crítica dos materiais encontrados e a organização das referências. Foram utilizadas combinações de palavras-chave simples, que aumentaram as chances de localizar produções pertinentes, tais como “emoções e aprendizagem”, “professor mediador emocional”, “inteligência emocional sala de aula”, “afeto e conhecimento” e “competências socioemocionais”. A busca concentrou-se principalmente em duas bases de dados amplamente reconhecidas: a SciELO (Scientific Electronic Library Online), biblioteca eletrônica que reúne uma coleção de periódicos científicos de acesso aberto da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal; e o Portal de Periódicos CAPES, que disponibiliza milhares de títulos nacionais e internacionais e é uma das principais ferramentas de acesso a produções acadêmicas no Brasil.

Quanto aos critérios de inclusão, priorizaram-se publicações em português, datadas entre 2015 e 2025, com foco direto na relação entre emoções, práticas pedagógicas e desenvolvimento integral. Os critérios de exclusão abrangeram trabalhos que, embora tratassem de temáticas próximas, não dialogavam com o objetivo central da pesquisa ou apresentavam recortes temporais muito distantes, o que poderia comprometer a atualidade das análises. Essa seleção criteriosa assegurou que apenas produções relevantes e atualizadas fossem consideradas, garantindo maior consistência e pertinência às discussões desenvolvidas ao longo do estudo.

APRENDER COM O CORAÇÃO: EMOÇÕES COMO CATALISADORAS DA MEMÓRIA E DA MOTIVAÇÃO

O ato de aprender envolve uma rede complexa de processos que vão muito além da simples recepção de conteúdos ou da repetição de informações. As emoções, muitas vezes consideradas elementos secundários, constituem-se como parte estrutural da aprendizagem, pois orientam a atenção, fortalecem a memória e favorecem o engajamento dos estudantes. Em ambientes pedagógicos, tanto as experiências positivas quanto as negativas desempenham papel determinante na forma como o sujeito lida com desafios, interpreta o conhecimento e se posiciona diante das situações



escolares. Ao se compreender que aprender não é apenas um exercício racional, mas também emocional, abre-se espaço para práticas pedagógicas mais integradoras e significativas.

Assim, emoções como alegria, interesse e entusiasmo estimulam processos cognitivos, ampliam a concentração e tornam o ato de aprender mais prazeroso. De forma complementar, experiências de frustração, insegurança ou desmotivação podem limitar a capacidade de foco e comprometer a internalização do conhecimento. Nesse sentido, as emoções funcionam como mediadoras que qualificam ou dificultam a aprendizagem, conferindo-lhe fluidez, ou, em contrapartida, impondo barreiras que bloqueiam o desempenho cognitivo. Essa dupla face evidencia o quanto a dimensão afetiva precisa ser considerada com seriedade no planejamento educacional, sob pena de reduzir a aprendizagem a um processo mecânico e desprovido de sentido.

A esse respeito, Fonseca enfatiza que

As emoções dão sentido à vida humana enquanto nos adaptamos, aprendemos, temos sucesso e fazemos amizades, mas igualmente elas também emergem enquanto enfrentamos episódios, eventos e situações que nos esmagam, magoam, ridicularizam e nos frustram e entristecem e, por tudo isto, as emoções e as expressões faciais e gestuais fornecem informações adaptativas de enorme relevância para a aprendizagem (Fonseca, 2016, p. 366).

Dessa forma, tanto as emoções que impulsionam quanto aquelas que fragilizam oferecem pistas valiosas sobre como o estudante percebe, organiza e responde ao processo educativo, pois revelam não apenas o nível de engajamento cognitivo, mas também os mecanismos internos de autorregulação, de motivação e de enfrentamento que cada indivíduo aciona diante dos desafios escolares. Ao interpretar essas manifestações, o professor tem a possibilidade de compreender mais profundamente as necessidades do aluno, identificando os fatores que favorecem sua participação ativa, bem como os obstáculos emocionais que comprometem sua autonomia e segurança. Nesse sentido, o acompanhamento das reações emocionais torna-se um recurso pedagógico estratégico, uma vez que permite ao educador ajustar práticas, criar ambientes mais acolhedores e favorecer trajetórias de aprendizagem significativas e sustentáveis.

Nesse movimento, torna-se claro que o envolvimento emocional favorece a



integração entre cognição e ação, potencializando as capacidades de memória, atenção e raciocínio. Quando mobilizadas de maneira adequada, as emoções permitem que as funções cognitivas operem de modo articulado, criando condições para que os conteúdos sejam retidos e reorganizados em memórias duradouras. Isso ocorre porque o afeto atua diretamente na ativação das funções executivas, otimizando os processos de planificação, priorização e monitoramento. Como descreve Fonseca,

As emoções afetam todas as aprendizagens, quanto mais envolvidas forem com elas, mais mobilizadas são as funções cognitivas da atenção, da percepção e da memória, e mais bem geridas e fortes serão as funções executivas de planificação, priorização, monitorização e verificação das respostas (Fonseca, 2016, p. 371).

Além disso, a literatura destaca que a memória de curto prazo e a memória de trabalho, quando estimuladas pelo envolvimento afetivo, convertem-se em memória de longo prazo, tornando o aprendizado mais profundo e duradouro. Essa articulação demonstra que o cérebro aprende de maneira objetiva quando há mobilização simultânea de aspectos emocionais e cognitivos (Fonseca, 2016). Portanto, a adaptabilidade do estudante depende, em grande medida, da forma como ele é capaz de integrar emoção e razão em sua experiência escolar.

Contudo, é necessário atentar para o fato de que ambientes carregados de medo, ameaça ou insegurança bloqueiam o funcionamento das funções cognitivas superiores, impedindo que o estudante alcance fluência e automaticidade em suas aprendizagens. Situações de desconforto emocional, em vez de estimularem, dificultam a formação de vínculos significativos, tornando a experiência escolar empobrecida e frágil (Fonseca, 2016). Nesse ponto, a gestão pedagógica do afeto mostra-se crucial, pois o modo como a emoção é acolhida e validada no espaço escolar pode determinar o sucesso ou o fracasso do processo de aprendizagem.

Em complemento, é fundamental reconhecer que “As emoções capturam a atenção e ajudam a memória, tornando-as mais relevantes e claras, a sua ativação ou excitação somática desencadeia vínculos que fortalecem as funções cognitivas” (Fonseca, 2016, p. 368). Assim, a emoção atua como catalisadora, tornando a aprendizagem mais significativa, pois permite ao estudante estabelecer conexões entre o conteúdo escolar e sua própria experiência de vida.



Cabe destacar que o conhecimento, quando desprovido de emoção, perde seu potencial transformador. Sem a presença de intuição emocional, prazer ou relevância intrapessoal, o saber tende a esvanecer-se, deixando de produzir impacto real na trajetória do estudante. Como afirma Fonseca (2016), o conhecimento factual isolado torna-se inútil, pois apenas a interação entre emoção e cognição garante a permanência e o significado do aprendizado. Dessa forma, aprender com o coração significa compreender que a dimensão afetiva não é acessória, mas constitutiva da aprendizagem, permitindo que a escola se configure como espaço de experiências que unem afeto e razão em prol da formação integral.

PROFESSOR COMO MEDIADOR EMOCIONAL: RECONHECIMENTO E ORIENTAÇÃO DAS EMOÇÕES NO ESPAÇO ESCOLAR

O professor, ao atuar na formação do estudante, não desempenha apenas a função de transmissor de conhecimentos, mas também a de mediador das dimensões emocionais que atravessam a experiência educativa. A escola é um espaço em que se entrelaçam expectativas, desafios e vivências afetivas, exigindo do educador a capacidade de compreender que o processo de aprender é indissociável do sentir. Nesse sentido, o reconhecimento e a orientação das emoções tornam-se elementos indispensáveis para que a aprendizagem seja não apenas eficiente, mas significativa e promotora do desenvolvimento integral.

Ademais, o docente que se dispõe a validar as emoções de seus alunos favorece a criação de vínculos de confiança e segurança, permitindo que a sala de aula seja um espaço onde os estudantes possam se expressar sem medo de julgamentos. Essa mediação afetiva sustenta a motivação e a autoestima, condições fundamentais para a autonomia intelectual. Conforme defendem Furtado et al.,

[...] professor se torna o mediador entre os indivíduos e os objetos de conhecimento, organizando e propiciando espaços e situações de aprendizagem que articulem os recursos e as situações emocionais, sociais e cognitivas aos conhecimentos referentes a diferentes campos do saber (Furtado et al., 2023, p. 100).

Ao integrar emoção e cognição, o educador amplia a relevância do ensino, transformando-o em experiência capaz de mobilizar tanto a dimensão racional quanto



a subjetiva do estudante, uma vez que o conhecimento deixa de ser apenas um conjunto de informações a serem memorizadas e passa a ter significado pessoal, conectado à vivência e à sensibilidade do aprendiz. Esse processo favorece a internalização dos conteúdos de forma mais profunda e duradoura, pois envolve não apenas o pensamento lógico, mas também os vínculos afetivos que sustentam a motivação e o interesse. Desse modo, o ensino se converte em prática que dialoga com a integralidade do ser humano, reconhecendo que o aprender só se torna pleno quando contempla simultaneamente a razão e o sentir.

De maneira complementar, cabe destacar que o professor não atua isoladamente, mas como parte de um processo coletivo em que sua função é ser o parceiro mais experiente, aquele que garante condições para que as experiências escolares sejam ricas, prazerosas e não discriminatórias (Furtado et al., 2023). Esse papel vai além da instrução formal: envolve promover um ambiente saudável em que as diferenças sejam respeitadas e as interações sociais favoreçam a cooperação, o acolhimento e o crescimento pessoal. Portanto, o professor é convocado a assumir a docência como prática relacional, em que ensinar é também cuidar e mediar emoções.

Nesse cenário, torna-se imprescindível a atenção às singularidades dos educandos. Cada estudante carrega consigo histórias, ritmos e necessidades próprias, que precisam ser percebidas e respeitadas no processo pedagógico. Assim, o professor amplia as possibilidades de aprendizagem ao adotar um olhar ativo e afetivo, que valoriza o relacionamento humano como parte constitutiva da prática educativa (Furtado et al., 2023). Essa perspectiva possibilita não apenas a inclusão, mas também a valorização das diferenças como recursos para o crescimento coletivo da turma.

Outro ponto central é a habilidade de diagnosticar dificuldades emocionais e cognitivas que podem interferir no processo de aprender. Ao perceber essas barreiras, o professor precisa buscar estratégias criativas e motivadoras que despertem no estudante o prazer pelo conhecimento, transformando o desafio em oportunidade (Furtado et al., 2023). Nessa direção, a mediação emocional não se restringe ao acolhimento de fragilidades, mas envolve também a criação de um ambiente de estímulo que impulse o engajamento, a curiosidade e a confiança dos alunos em suas próprias capacidades.



Portanto, compreender o professor como mediador emocional implica reconhecer que sua atuação é atravessada pela responsabilidade de articular dimensões afetivas, sociais e cognitivas. Ao propiciar condições de segurança e acolhimento, o docente torna-se agente de transformação da experiência escolar, conduzindo-a a patamares de maior significado. Dessa forma, aprender deixa de ser um ato mecânico e torna-se um processo integrado em que sentir e pensar caminham juntos, reforçando a ideia de que a educação é também um exercício de humanização.

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA SALA DE AULA: RELAÇÕES, COOPERAÇÃO E AUTONOMIA

O debate sobre a presença da inteligência emocional no contexto escolar tem ganhado destaque nas últimas décadas, especialmente em função da necessidade de compreender a aprendizagem em sua totalidade. Não basta garantir que o estudante memorize conteúdos ou desenvolva competências técnicas; é igualmente indispensável que ele aprenda a reconhecer, administrar e expressar suas emoções de forma saudável. Nesse sentido, a escola assume o compromisso de integrar as dimensões cognitiva, social e afetiva, entendendo que o desenvolvimento pleno do estudante depende do equilíbrio entre esses elementos.

Sob essa ótica, o conceito de inteligência emocional remete à habilidade de perceber e compreender tanto as próprias emoções quanto as emoções dos outros, assim como de manejar adequadamente tais sentimentos no cotidiano. Esse conjunto de competências envolve não apenas o autoconhecimento, mas também a empatia, a cooperação e a capacidade de resolver problemas de forma equilibrada e construtiva (Tessaro; Lampert, 2019). Ao ser cultivada em sala de aula, essa habilidade amplia as possibilidades de interação social e fortalece os laços interpessoais, repercutindo diretamente na qualidade da convivência escolar.

Ademais, o trabalho com as emoções no ambiente educativo não se limita a intervenções pontuais ou a situações de conflito. Pelo contrário, ele deve constituir-se como prática pedagógica contínua, que prepara o estudante para lidar com frustrações, cultivar resiliência e desenvolver comportamentos baseados em consciência emocional e empatia. Essa dimensão, conforme assinalam Tessaro e Lampert (2019), também



cumprir um papel preventivo, pois auxilia na formação de sujeitos mais equilibrados e capazes de agir com responsabilidade diante das demandas escolares e sociais. Dessa maneira, a escola amplia sua função social, tornando-se espaço de formação integral.

Por outro lado, há de se destacar que a inteligência emocional não se restringe ao campo psicológico. Ela repercute diretamente no desempenho acadêmico, uma vez que o estudante emocionalmente equilibrado demonstra maior capacidade de concentração, motivação e persistência diante dos desafios. Como ressaltam os autores, desenvolver competências socioemocionais não apenas contribui para o bem-estar e a saúde mental, mas também fortalece a aprendizagem, permitindo que o estudante alcance resultados mais consistentes (Tessaro; Lampert, 2019). Assim, fica evidente que investir na dimensão emocional é também investir no sucesso pedagógico.

Nesse mesmo caminho, a promoção da inteligência emocional fomenta a cooperação entre os estudantes. O reconhecimento das próprias emoções e das emoções alheias favorece a empatia e estimula práticas de solidariedade, reduzindo conflitos e fortalecendo o sentimento de pertencimento ao grupo. Essa capacidade de cooperar, além de potencializar o clima escolar, amplia as oportunidades de aprendizagem coletiva, em que o conhecimento se constrói em parceria e cada estudante aprende com a experiência do outro.

Outro aspecto central refere-se à autonomia. Quando o estudante aprende a identificar e a regular suas emoções, torna-se mais capaz de tomar decisões conscientes, enfrentar obstáculos e agir com responsabilidade sobre sua própria trajetória de aprendizagem. A autonomia emocional, portanto, sustenta a autonomia cognitiva, pois permite que o sujeito enfrente as demandas escolares de forma confiante e equilibrada. Nessa perspectiva, a inteligência emocional funciona como eixo que articula desenvolvimento pessoal e avanço acadêmico, tornando-se um dos alicerces da formação cidadã.

Portanto, a análise da inteligência emocional na sala de aula revela que educar não é apenas transmitir conhecimentos, mas também preparar o estudante para lidar com a complexidade da vida em sociedade. Ao promover relações mais saudáveis, incentivar a cooperação e fortalecer a autonomia, a escola cumpre seu papel de formar sujeitos críticos, responsáveis e emocionalmente equilibrados. Assim, a integração das



competências socioemocionais ao cotidiano escolar reforça a premissa de que aprender e sentir são processos indissociáveis, que juntos constroem um caminho de aprendizagem mais significativo e transformador.

DO AFETO AO CONHECIMENTO: VÍNCULOS, ACOLHIMENTO E APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

A aprendizagem escolar, para além do domínio de conteúdos, é construída em meio a interações que mobilizam razão e emoção. Por muito tempo, contudo, a prática pedagógica foi tratada como se as decisões docentes devessem restringir-se exclusivamente ao aspecto cognitivo dos estudantes, desconsiderando a relevância da dimensão afetiva como componente estruturante da formação (Osti; Tassoni, 2019). Tal perspectiva reducionista compromete a compreensão do processo educativo, pois ignora que o conhecimento só se torna significativo quando associado às experiências humanas e emocionais vividas no espaço escolar.

Nesse sentido, torna-se indispensável reconhecer que o contexto em que as emoções surgem desempenha papel decisivo para a aprendizagem. É no convívio cotidiano, marcado por relações de acolhimento, empatia e diálogo, que os estudantes encontram condições de atribuir sentido ao que aprendem. Assim, como assinalam Osti e Tassoni (2019), as experiências vividas com as pessoas constituem o núcleo mais relevante para compreender o impacto das emoções na vida escolar. Em outras palavras, aprender exige não apenas estímulos cognitivos, mas também experiências afetivas que validem a presença do estudante no processo educativo.

Além disso, compreender as relações estabelecidas em sala de aula é fundamental para avaliar suas implicações no desempenho escolar e na qualidade da convivência. As interações entre alunos e professores, bem como entre os próprios estudantes, influenciam diretamente a forma como o conhecimento é percebido, apropriado e reconstruído (Osti; Tassoni, 2019). Assim, práticas pedagógicas que valorizam vínculos e acolhimento não apenas fortalecem a aprendizagem, mas também contribuem para o desenvolvimento social e emocional do sujeito, tornando a escola um espaço de pertencimento.



Outro aspecto importante refere-se à percepção de capacidade ou incapacidade para aprender. Esse sentimento não é um dado individual isolado, mas uma construção social que se estabelece a partir das interações na escola e da forma como o estudante é acolhido em seu percurso. Nesse processo, o modo como os professores se dirigem aos alunos, a forma de oferecer ajuda e de conduzir as práticas educativas são fatores determinantes para sustentar ou fragilizar a relação do estudante consigo mesmo, com o conhecimento e com a comunidade escolar (Osti; Tassoni, 2019).

Sob essa perspectiva, evidencia-se que “condições afetivas positivas contribuem para que a atividade cognitiva flua livremente. O contrário disso também é verdadeiro. Ou seja, condições afetivas negativas desorganizam os processos cognitivos.” (Osti; Tassoni, 2019, p. 217). Assim, torna-se evidente que a afetividade não deve ser entendida como elemento acessório, mas como condição essencial para o equilíbrio e para a eficácia dos processos de ensino e aprendizagem.

Dessa forma, as práticas pedagógicas que valorizam o afeto e a empatia não apenas promovem um ambiente mais harmonioso, mas também favorecem a aprendizagem significativa. Ao reconhecer que as relações interpessoais são tão importantes quanto os conteúdos curriculares, a escola se afirma como espaço de humanização, no qual os vínculos emocionais funcionam como mediadores que ampliam a compreensão, a motivação e o engajamento. Portanto, do afeto ao conhecimento constrói-se um caminho que fortalece a autonomia e transforma a experiência escolar em oportunidade de desenvolvimento integral.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apontam que o papel das emoções no processo de aprendizagem é inegavelmente central, constituindo-se como elemento que influencia não apenas a aquisição de conhecimentos, mas também a qualidade das interações e a construção da autonomia dos estudantes. Verificou-se que emoções positivas, quando reconhecidas e integradas às práticas pedagógicas, favorecem a concentração, a motivação e a permanência do estudante em atividades cognitivamente exigentes. Em contrapartida, estados emocionais negativos, como ansiedade, medo ou frustração, revelaram-se fatores limitantes, capazes de comprometer o desempenho e a percepção de



autoeficácia.

O significado dessas descobertas reside na constatação de que aprender vai além da dimensão racional, exigindo que a afetividade seja considerada como parte do próprio ato pedagógico. Autores como Fonseca destacam que as emoções mobilizam funções executivas da atenção, da memória e da percepção, ampliando a eficácia da aprendizagem quando adequadamente estimuladas. Já estudos recentes de Furtado e colaboradores reforçam que a mediação docente, ao articular emoção e cognição, transforma o ensino em experiência mais relevante, o que converge com os resultados encontrados, indicando que o professor não deve ser apenas transmissor de conteúdos, mas mediador das condições emocionais que sustentam o processo formativo.

Essas descobertas também dialogam com contribuições de Tessaro e Lampert, que ressaltam a inteligência emocional como promotora de relações interpessoais mais equilibradas e de desempenhos acadêmicos mais consistentes. Observa-se, portanto, que os achados se alinham a outras pesquisas que defendem a necessidade de integrar as competências socioemocionais à vida escolar. Ainda assim, Osti e Tassoni acrescentam uma nuance importante ao enfatizar que o ambiente afetivo da sala de aula exerce influência direta sobre a motivação e a autopercepção de capacidade de aprender, o que evidencia a complementaridade entre os diferentes referenciais teóricos.

No entanto, algumas limitações devem ser consideradas. Por tratar-se de uma pesquisa bibliográfica, os resultados refletem interpretações teóricas e análises secundárias, não sendo possível estabelecer relações causais diretas ou generalizações empíricas. Além disso, as fontes utilizadas, ainda que atuais e relevantes, podem apresentar recortes distintos de realidade, influenciados por contextos socioculturais específicos. Essa limitação, todavia, não invalida os achados, mas reforça a necessidade de investigações empíricas que possam aprofundar e verificar, na prática escolar, as proposições aqui discutidas.

Outro ponto relevante refere-se à presença de resultados inesperados em alguns estudos analisados, nos quais a afetividade, embora considerada fundamental, não garantiu por si só melhores desempenhos acadêmicos. Esse dado sugere que a relação entre emoção e aprendizagem não é linear, mas complexa, exigindo mediação



pedagógica qualificada. Isso confirma a observação de Furtado e colaboradores, que destacam a importância de o professor diagnosticar dificuldades e criar estratégias de motivação, uma vez que o afeto, isoladamente, não assegura engajamento contínuo. Tal aspecto reforça que a afetividade precisa ser integrada a práticas planejadas, capazes de conciliar estímulo emocional com organização cognitiva.

Diante dessas constatações, abrem-se caminhos para novas pesquisas. Sugere-se, por exemplo, a realização de estudos empíricos que investiguem de que maneira práticas pedagógicas específicas — como metodologias ativas, programas socioemocionais ou projetos interdisciplinares — impactam as emoções e o desempenho acadêmico em diferentes níveis de ensino. Ademais, investigações comparativas entre contextos culturais distintos podem oferecer maior clareza sobre como os fatores emocionais se manifestam em realidades diversas. Igualmente relevante seria explorar o papel da formação docente no desenvolvimento de competências para a mediação emocional, uma vez que os professores são atores centrais na transformação do afeto em conhecimento.

Assim, os resultados obtidos confirmam a importância de compreender o entrelaçamento entre emoção e cognição, indicando que práticas pedagógicas sensíveis ao aspecto afetivo não apenas fortalecem o aprendizado, mas também promovem a formação de sujeitos mais autônomos, empáticos e preparados para os desafios contemporâneos. Além disso, tais práticas contribuem para que a escola seja percebida como espaço de pertencimento e acolhimento, no qual o estudante encontra condições de desenvolver não apenas competências acadêmicas, mas também habilidades relacionais e socioemocionais. Dessa maneira, a educação passa a cumprir uma função ampliada: formar indivíduos capazes de lidar com as próprias emoções, de cooperar em ambientes coletivos e de agir de maneira crítica e responsável diante das demandas da sociedade. Em síntese, aprender com o coração é reconhecer que o processo educativo só alcança sua plenitude quando se orienta pela integração entre saber, afeto e convivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como propósito discutir o papel das emoções na



aprendizagem e no desenvolvimento integral do estudante, destacando como a dimensão afetiva se constitui em elemento estruturante do processo educativo. Ao longo do texto, buscou-se evidenciar que as emoções, quando reconhecidas e mediadas adequadamente, contribuem para a memória, a motivação e o engajamento, fortalecendo a relação entre professor e aluno e favorecendo a construção de vínculos de confiança. Os objetivos foram atendidos na medida em que se demonstrou que o professor, ao assumir o papel de mediador emocional, cria condições para que a sala de aula seja um espaço de segurança, pertencimento e valorização das singularidades. Da mesma forma, verificou-se que o desenvolvimento da inteligência emocional promove cooperação, autonomia e qualidade nas interações, tornando o processo de aprender mais significativo e integrado às experiências de vida. Também foi possível evidenciar que práticas pedagógicas que valorizam o acolhimento e a empatia qualificam as relações escolares e ampliam a relevância do ensino, reforçando que aprender é um movimento que articula razão e emoção.

Assim, as reflexões apresentadas permitem compreender que a aprendizagem não se limita à dimensão cognitiva, mas depende das condições emocionais em que se insere, sendo fortalecida por práticas pedagógicas que reconhecem a importância do sentir. Os resultados discutidos indicam que a integração entre emoção e cognição amplia a relevância do ensino e contribui para a formação de sujeitos autônomos, críticos e empáticos, preparados para lidar com os desafios contemporâneos. Reconhece-se, entretanto, que a pesquisa bibliográfica apresenta limitações, sobretudo por não permitir generalizações empíricas, o que reforça a necessidade de estudos futuros que investiguem, em diferentes contextos escolares, como se efetivam as mediações afetivas e como elas repercutem no desempenho e nas relações interpessoais. Assim, estimula-se que mais pesquisas sejam feitas sobre esse assunto, especialmente aquelas que busquem analisar a prática docente, a formação de professores e as condições institucionais que possibilitam transformar o afeto em conhecimento, garantindo que a educação cumpra sua função de promover não apenas o saber, mas também o desenvolvimento integral e humano de cada estudante.



REFERÊNCIAS

FONSECA, Vitor da. Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. **Revista Psicopedagogia**, v. 33, n. 102, p. 365-384, 2016.

FURTADO, Lucilia Dias; AMORIM, Raimundo Pereira; BRITO, Renato de Oliveira; WATHIER, Valdoir Pedro. A dimensão afetiva do estudante e a prática docente. **Paidéia**, v. 18, n. 29, p. 91-112, 2023.

OSTI, Andréia; TASSONI, Elvira Cristina Martins. Afetividade percebida e sentida: representações de alunos do ensino fundamental. **Cadernos de Pesquisa**, v. 49, n. 174, p. 204-220, 2019.

SANTANA, Aline Canuto de Abreu; NARCISO, Rodi. Pilares da pesquisa educacional: autores e metodologias científicas em destaque. **ARACÊ**, v. 7, n. 1, p. 1577-1590, 2025.

SANTANA, Aline Canuto de Abreu; NARCISO, Rodi; FERNANDES, Allysson Barbosa. Explorando as metodologias científicas: tipos de pesquisa, abordagens e aplicações práticas. **Caderno Pedagógico**, v. 22, n. 1, e13333, 2025.

TESSARO, Fernanda; LAMPERT, Claudia Daiane Trentin. Desenvolvimento da inteligência emocional na escola: relato de experiência. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 23, e178696, 2019.